

CONDE DE DODOY E SUA HISTÓRIA SEM MORAL

Abilio Godoy

Resenha

O Conde de Dodoy é um homem bem mais-ou-menos: nem bonito nem feio, nem rico nem pobre, nem gordo nem magro, nem bondoso nem malvado. Solitário, costuma passar a maior parte do seu tempo sozinho em sua torre no centro da cidade, rodeado pelos livros de sua biblioteca. Tem, porém, um dom secreto: seu choro é desimpedido como poucos.

Certo dia, contudo, o Conde acorda com uma dor inédita: uma dor cinzenta, insistente, bem no meio da sua história; uma mágoa dolorida que nenhum choro parece capaz de afogar. A partir de então, Dodoy passa a empregar os mais diversos métodos em busca de uma solução para sua história dolorida: visita a clínica hipertecnológica do Doutor Ford, médico que o atendia quando criança; vai em busca dos conselhos do Guru Paladivo, que lhe diz que o mal e a dor não existem; e, por fim, marca uma sessão com a famosa psicóloga Leila Kanianna d'Odvan.



© Bernardo França



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Apesar de cada um desses profissionais cobrarem caríssimo para oferecer suas perspectivas diante da dor, nenhum deles consegue oferecer ao Conde uma resposta minimamente satisfatória – é apenas numa conversa com seu primo, o Marquês de NéNada, que o Conde de Dodoy descobrirá um alívio possível para sua história.

Em seu primeiro livro destinado ao público infantil, mas que, certamente, pode agradar também o público adulto, Abilio Godoy transforma melancolia em humor ao criar um *alter ego* que procura descobrir como lidar com sentimentos difíceis. Trata-se de um protagonista que nada tem de heroico. O autor joga, de maneira sutil e sofisticada, com elementos metalinguísticos: o Conde de Dodoy prefere passar seu tempo entre os livros da biblioteca ao invés de encarar o mundo que o rodeia; a *dor inédita* que sente, que serve de mote para o enredo, é uma dor *no meio da sua história* e, ao final, ele e seu primo marquês exploram possibilidades distintas de terminar esta narrativa. O autor joga com elementos de repetição e variação, ao estruturar de forma semelhante as situações vivenciadas pelo personagem ao encontrar o médico, o guru e a psicanalista, ao mesmo tempo em que explora, à sua maneira, alguns elementos clássicos do humor: o Marquês NéNada sente um

prazer evidente ao descrever a própria flatulência. As ilustrações de Bernardo França complementam perfeitamente o texto, ao remeter o leitor ao traço de Charles Schulz, criador do melancólico (porém carismático) Charlie Brown.

Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

Meu filho mais velho, já com quase 12 anos, mergulha com frequência em obras de fôlego. Recentemente, esteve enfiado em *A história sem fim*, de Michael Ende. A mais nova, com seus 8 anos, anda se desafiando a ler algumas coisas sozinha. As histórias em quadrinhos têm sido sua maior companhia literária. Assim, ler coletivamente aqui em casa nem sempre é uma tarefa simples. Encontrar obras que deem conta das necessidades das minhas crianças tornou-se um processo mais delicado e cuidadoso nos últimos meses.

Então, nos deparamos com o *Conde de Dodoy*. Não conhecíamos o autor por aqui, mas a surpresa foi grata. A prosa de Godoy (cujo nome meu filho mais velho rapidamente associou à personagem título e fez questão de conferir no “Sobre o autor” se





seu palpite de que o livro seria um tanto autobiográfico era ou não acertado) flui com muita leveza e com muita poesia.

Sobre a poesia que emana desta prosa, cabem dois ou três apontamentos. A primeira imagem que tomou de assalto meu guri foi a do Conde escondido na biblioteca, à qual meu filho respondeu imediatamente: "Como eu nos primeiros dias de aula". De fato, ele desenvolveu o hábito de refugiar-se na biblioteca do colégio nos momentos em que se encontra desconectado socialmente do grupo de alunos ou da própria escola. Não foi raro para ele passar todo o intervalo entre os livros, evitando o contato com as outras crianças. Identificação, portanto, num nível muito profundo.

Logo em seguida, meu filho interrompeu a leitura que eu fazia em voz alta para pontuar a imagem das jiboias constipadas de sentimentos: "Essa é uma boa imagem". Sim, ele disse isso. Fiquei um pouco pasmo com a clareza que a imagem construída por Godoy teve para meu filho. Isso, por si só, já é um mérito inegável da obra e me fez gostar do livro sem nem mesmo ter terminado de lê-lo.

Ainda ressalto o interesse do meu mais velho pela pergunta insistente da secretária/psicóloga: "crédito ou débito?". Depois da primeira aparição da pergunta, ele "adivinhou" todas as vezes em que a questão reapareceria. E não se furtou a comentar. "Tudo eles cobram dinheiro. Tudo eles querem dinheiro."

Por outro lado, minha filha se apegou às palavras por uma via muito sonora. Adorou a lista de remédios (e percebeu o humor do último item ser um xarope), comparando-a a uma música que compus recentemente e que também fala de dores, de sensibilidade e de remédios, listando antibióticos e anti-histamínicos. Regozijou-se quando percebeu que o autor usa o mesmo adjetivo para a dor que eu uso em minha modesta canção. Danada.

A repetição das situações, que cita literariamente as grandes sagas de grandes heróis (que, também mérito de Godoy, meu filho comparou ao *Pequeno Príncipe*), foi muito forte também para minha filha, que escrutinou as ilustrações em busca de semelhanças e pareamento entre os consultórios todos.

Para mim, pai, foi muito bonito ver minha criança questionar também o Marquês de NéNada, considerando que ele poderia ter dado mais atenção ao primo da primeira vez. Minha filha achou o Marquês um pouco insensível...

Antes de acabar, queria deixar registrado que meu filho também ficou um pouco incomodado com a psicóloga. Ele, que desde o último mês tem visto um analista, perguntou-me se eu não achava que o Conde deveria ter procurado o profissional em outro lugar, não no "Youtube ou no Google".

Conversamos muito sobre a ideia de moral da história e divertimo-nos com as propostas do Marquês. Ficamos, juntos, curiosos para saber o que ele queria dizer com aquelas frases.

Para a pequena, o fim do livro é um mistério. "Quando acaba o livro acaba a história do Conde?", perguntou, coçando o queixo.



Um pouco sobre o autor

Abilio Godoy é apaixonado por livros desde criança, quando morava em uma fazenda no interior de São Paulo. Na adolescência começou a

escrever seus primeiros poemas e contos nos cadernos da escola. Posteriormente, ingressou na faculdade de Letras na USP, onde também obteve o título de mestre em Teoria Literária. Abilio já tem duas coletâneas de contos, mas *Conde de Dodoy e sua história sem moral* é seu primeiro livro para o público infantojuvenil.



Leia Mais...

Do mesmo autor

- ✦ *Plano de fuga*. São Paulo: Prumo.
- ✦ *Hiato*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *A parte que falta*, de Shel Silverstein. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Harvey: como me tornei invisível*, de Hervé Bouchard e Janice Nadeau. São Paulo: Pulo do Gato.
- ✦ *Corda bamba*, de Lygia Bojunga. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga.
- ✦ *A solidão do Bicho-Papão*, de Sônia Barros. São Paulo: Moderna.

